

Ms. 12661

DEP. 224

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 165

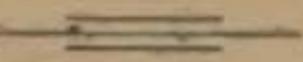
Col. 4

45

Intrigas alemãs na Persia

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa

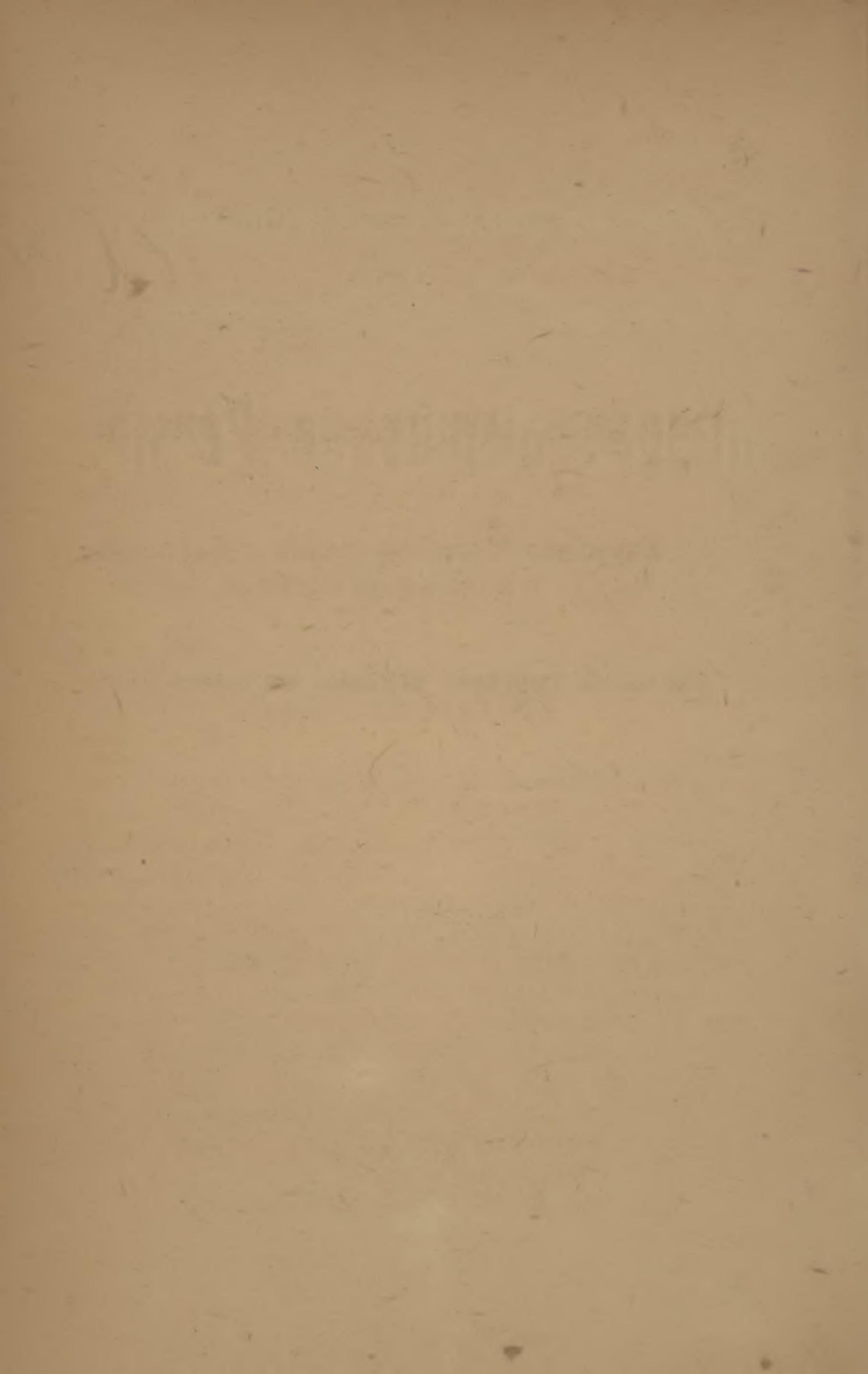


LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918



Intrigas alemãs na Persia

A Expedição Niedermayer para o Afganistão
e a India pela Persia

INTRODUÇÃO

Sob varios disfarces e durante muitos anos antes da guerra trabalharam diligentemente no Oriente, varios agentes alemães como negociantes, missionarios, viajantes, etc. Cresceram em actividade e em numero assim que rompeu a guerra. Onde existisse um estado forte cuja acção se podia entrar ou um estado pequeno cuja fraqueza se pudesse explorar, penetravam os agentes alemães e estendiam a rêde das suas intrigas. Essas mesmas influencias cujas operações se teem descoberto nos Estados Unidos e na Argentina, operaram tambem no Oriente. O que a Alemanha conseguiu na Turquia, tentou pôr em pratica na Persia.

O diario de W. Griesinger conta a historia

dum destes agentes. Fazia parte duma expedição cujo titulo pomposo é «Expedição Niedermayer para o Afganistão e a India pela Persia», que se formou no outono de 1914 e que partiu de Constantinopla em principios de dezembro.

A Turquia já tinha cedido aos agentes alemães e já um mez antes tinha praticado actos definidos de guerra contra os Aliados.

A expedição chegou a Baghdad nos primeiros dias de fevereiro e ali dividiu-se. O capitão Niedermayer foi directamente a Teheran e dali ao Afganistão. Ia munido dum passaporte que o dava como secretario da legação alemã. Outra parte da sua expedição foi para o norte e a terceira para o sul da Persia.

O diario de Griesinger relata os feitos desta ultima expedição. Consistia ela de Griesinger e do dr. Zugmayer. Levavam com eles alguns agentes turcos e agitadores indios e uma escolta de assassinos persas, traidores ao seu proprio governo. Griesinger exprime muitas vezes no seu diario a opinião que nutria sobre estes seus companheiros. Classifica-os numa ocasião de «animais imundos».

Os dois alemães iam munidos de salvo-condutos como consul e secretario do consulado de Ispahan. O seu projecto era servirem-se da Persia meridional como base para dali penetrarem no Protectorado britânico de Baluchistão.

Emquanto aos objectivos gerais da expedição do capitão Niedermayer não resta duvida. Veem esclarecidos numa carta datada de 1 de junho de 1915 enviada por Zugmayer a Niedermayer

e que foi depois capturada. Achava-se então Zugmayer na cidade de Kerman ao sudeste da Persia e proximo da fronteira de Baluchistão. Niedermayer estava em Teheran. São de todo o ponto interessantes os paragrafos seguintes:

«Vejo que V. conta com a preparação gradual das tribus persas para a guerra sob o ensino de instrutores alemães; contanto que não venha a paz universal antes de dar começo a essa obra ou quando se esteja no meio dela! Deve levar muitos mezes primeiro que possam chegar e que se possam distribuir os instrutores e depois levam tempo as fases preliminares...

Desejo referir-me a um ponto do programa geral de avanço para o Oriente, porque a sua tarefa e a minha sofrem duma diferença de principios com respeito a ele. O terreno que lhe é destinado (o Afganistão) é um Estado independente o qual, como a Persia, pode ou declarar a guerra ou permanecer neutral... Ou lhe será negada em absoluto a entrada no paiz, ou lhe será permitida a entrada; neste caso segue a campanha de propaganda como na Persia...

É muito diferente com respeito ao Baluchistão. Ali não existe união; há uns poucos de principes espalhados pelo territorio os quais são vassallos da Inglaterra... O que ali poderemos conseguir não é uma declaração de guerra, é uma revolta. No Baluchistão o que devo esperar desde logo é o encontrar as fronteiras fortemente guarnecidas por tropa de guerra. Por conseguinte para que eu alcance algum exito no

Baluchistão é necessario inquestionavelmente que a Persia se declare beligerante. Vejo só duas possibilidades de exito: depois da declaração de guerra pela Persia, fazer-se a invasão do territorio como inimigo e com a maior força disponivel, ou, pelo incitamento, formar um exercito revolucionario, o que, no entanto, só será possivel se a fronteira estiver mal guardada. Rejeito como inutil uma propaganda por meio de cartas.»

Tais eram os projectos confessados destes agentes alemães com respeito ao estado neutral da Persia onde puderan penetrar sob o privilegio de representantes diplomaticos — isto é, induzi-lo a fazer uma declaração de guerra, inundá-lo de instrutores militares alemães, fazer dele um estado vassalo alemão como aconteceu á Turquia, preparar o seu povo para que sirva de «pasto de canhões» para a Alemanha, numa palavra, utilisarem-se da Persia para servir as ambições da Alemanha sem nenhuma consideração pelos interesses do paiz.

Eis os objectivos da expedição. Os metodos empregados veem revelados no diario de Griesinger. Esses metodos são os que os agentes alemães teem empregado em toda a parte, os mesmos que se utilisaram nos Estados Unidos. Numa das notas escreve Griesinger: «Consta que o Mexico mandou um ultimatum aos Estados Unidos da America. Será resultado das actividades dos nossos colegas?»

Onde encontravam descontentamento utilisavam-se dele sem escrupulos. Para eles nenhuma

arma era demasiadamente vil, nenhum acto demasiadamente iniquo. Espalhavam noticias falsas; inventavam acusações de assassinio; ameaçavam; intimidavam; cometiam roubos e saques; não se detinham ante o assassinio.

Assim que a Gran Bretanha declarou guerra, Griesinger apressou-se a regressar á Alemanha. O motivo de ele se achar em Inglaterra e as circunstancias que o levaram a voltar para a sua patria veem claramente indicados na nota de 5 de agosto e na nota dalguns dias depois onde se refere ao «perdão do Imperador».

O diario abraça um periodo de mais de dois anos, isto é, desde 1 de agosto de 1914 até 30 de setembro de 1916. A ultima nota foi inscrita quando Griesinger já se achava sob prisão em Shiraz.

Zugmayer e Griesinger partiram de Baghdad em fins de fevereiro de 1915. Foram primeiro a Ispahan onde tinham tenção de fomentar uma insurreição. Seis semanas mais tarde puzeram-se outra vez em caminho. Segundo confessa Griesinger, «nada tinham conseguido», a não ser contendas diarias uns com os outros. Partiram apressadamente e quasi em segredo, pois pesava sobre eles uma acusação criminal.

De Ispahan seguiram para leste até chegarem a Kerman, proximo da fronteira do Baluchistão. A proposito de Kerman escreveu Zugmayer á Legação alemã em Teheran: «E' de Kerman que devem ser levados a efeito o incitamento á revolta no Baluchistão britanico e a ameaça para a India por meio duma expedição enviada do

modo sugerido pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros e o Estado Maior General. Para este fim Kerman é indispensavel como ponto de apoio alemão de bastante força.»

Kerman está situada na bifurcação de duas grandes entradas, é um centro comercial entre o porto de Bandar Abbas, no golfo persico, e os mercados da Asia Central.

De caminho parou a expedição em Yezd. A descrição da entrada naquela cidade é um perfeito quadro em miniatura da Kultur alemã que «vai abrindo uma estrada real para si e para a liberdade de todas as nações a qual deve chegar aos centros da Asia».

Criesinger diz que entraram a cavalo, «formando grupos graciosos em volta da bandeira». Dois dias depois escreve: «Abdullah Khan entrou em nosso serviço oficialmente e fez o oferecimento, caso o desejassemos, de matar em Kerman os consules inglez e russo.»

Passaram sete mezes em Kerman, mezes de intriga constante e sem escrupulo. Ligaram-se com o partido democratico e com todo e qualquer que mostrasse descontentamento. Procuraram por todos os meios desembaraçarem-se do Governador, porém no fim de sete mezes o Governador estava ainda no seu posto e Criesinger falando dos seus aliados dizia «aqueles patifes», e por seu lado estes afirmavam a Criesinger que não tinham confiança nenhuma nos alemães.

Ha dois pontos de interesse especial nesta historia de onze mezes de intrigas. O primeiro

é que Griesinger critica constantemente os outros agentes alemães do «Bureau de Intelligencia», a legação alemã em Teheran, até mesmo von der Goltz, cuja «falta de compreensão», segundo Griesinger, é «verdadeiramente desconsoladora». Se ha quem ainda acredite na eficiencia milagrosa dos alemães, que siga a historia dada no diario de Griesinger de como eles se acharam sem dinheiro e sem noticias, da «incrível indolencia e falta de escrupulo» dos que lhes ficavam na retaguarda, da sua mesquinha animosidade pessoal, desconfiança mutua e contendas perenes.

O segundo ponto é a sua attitude para com a gente com a qual trabalhava, o desprezo grosseiro e inconveniente com que tratava a todos. Já nos primeiros dois mezes durante a viagem de Baghdad para Ispahan fala desses «porcos, os turcos», «o miseravel bando de turcos imundos», «esta odiosa nação» (a Persia), «os armenios porcalhões», e diz ter encontrado «um estúpido aborrecido», um austriaco. O caso é que durante esses dois primeiros mezes não encontrou ninguem que lhe agradasse a não ser dois officiais suecos da Gendarmerie persa, em companhia dos quais se embebedou.

Durante toda a expedição, Griesinger não cessa de injuriar os seus proprios aliados. Falando duma comissão revolucionaria da India diz: «eses sebentos tratantes revolucionarios de Bengala»; pouca variedade tem no seu modo grosseiro de insultar a cada passo os persas. Apoda-os de «bando de tratantes», «animais

imundos», «porcos vis», etc., etc. E' desta forma que o alemão cria amizades pelo mundo fóra.

Griesinger é, na verdade, um modelo interessantissimo do intrigante alemão: brutal, histerico, que não recua perante nenhum ultraje, que se entrega a uma colera desenfreada «espumando de raiva» (segundo a sua propria frase), quando falham os seus planos, intrigando a todos, porém muito admirado ao ver-se vitima da intriga. Em Kerman escreve com a indignação dum homem de bem: «Não haverá nesta horrivel espelunca um unico ente que não seja um meliante consumado?» E isto foi poucos dias antes de planear o roubo duma caravana ingleza. Porém a ironia dos factos é o melhor comentario dos metodos destes intrigantes alemães — o fim repentino e ridiculo da expedição.

Em fevereiro de 1916, Zugmayer e Griesinger partiram de Kerman para a fronteira de Baluchistão. Levavam uma pequena força armada de perto de 200 homens. Lembravam-se com alegria do avanço britanico atravez um territorio difficilimo «onde todas as tribus estão do nosso lado». Seis semanas mais tarde «tinham-se desvanecido como fumo os nossos lindos sonhos duma invasão de territorio inglez em conjunção com os bravos baluchis, para secundar a obra dos que trabalhavam no Afganistão».

«Parece que os nossos informes com respeito ao Baluchistão eram de todo o ponto errados. E' impossivel lidar com peor bando de patifes: atrevidos, traidores, mentirosos, cobar-des — estão ao nivel dos brutos.» E tudo isto

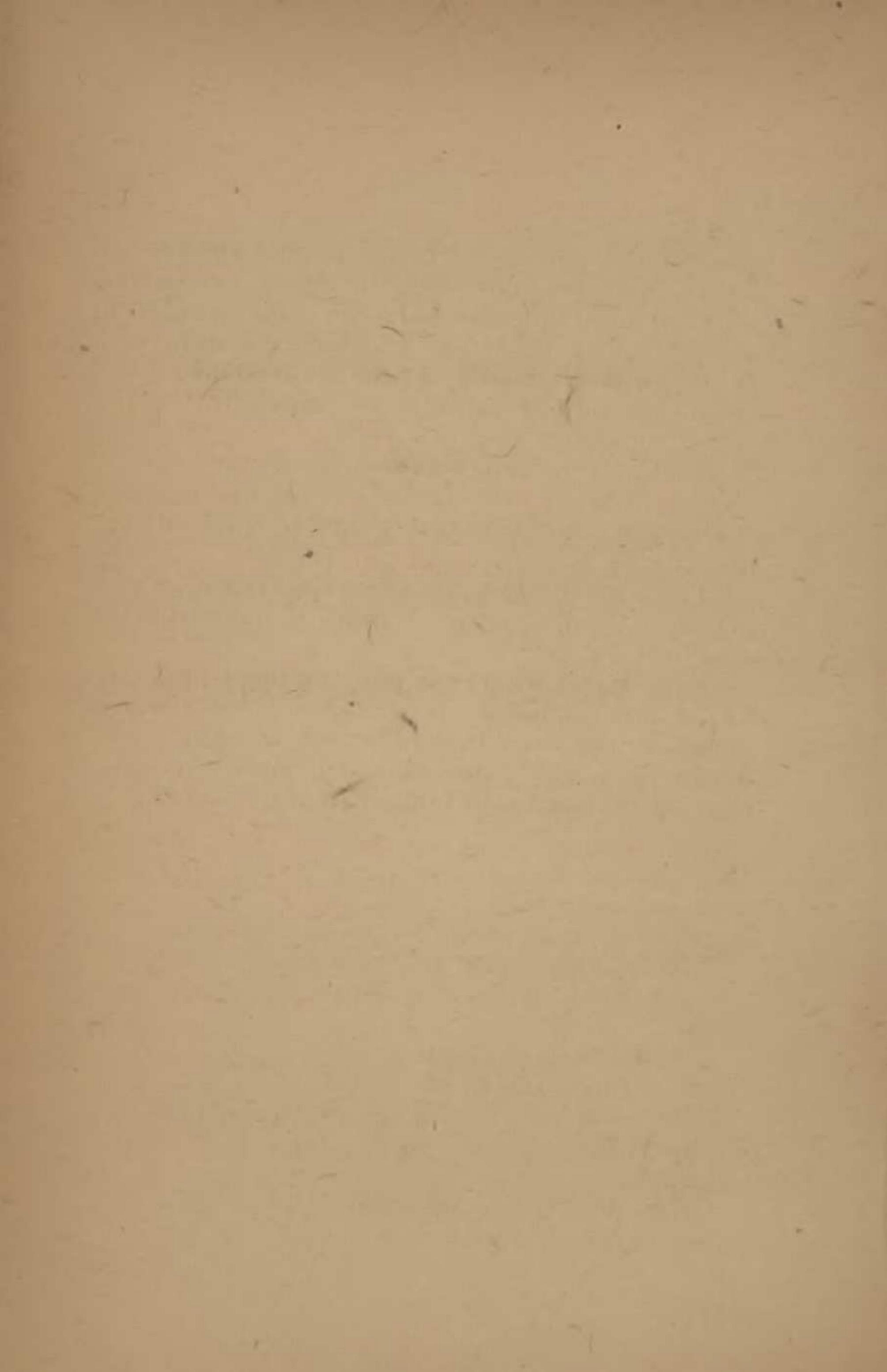
unicamente porque os baluchis propunham tratar os alemães exactamente como os alemães propunham tratar os baluchis. «Bachran Khan não era chefe de tribu, não passava dum bandido. Ao que parece o que ele desejava era o nosso auxilio em dinheiro e armas afim de aniquilar uns seus visinhos.»

Assim terminou a expedição do Baluchistão.

Os proprios intrigantes ficaram logrados pelos semi-barbaros dos quais se queriam utilizar.

Tres mezes depois escrevia Griesinger na prisão: «Quem jámais tomará o nosso partido na Persia?».

Este diario interessa por ser mais uma confissão dos metodos empregados pelos alemães, porém ainda mais interesse tem por ser a confissão de erros cometidos e o sumo interesse está na revelação do temperamento alemão.



O diário dum agente alemão

1914

1/4, Agosto. — A' espera, dôr de dentes, vís jornais inglezes. Uma carta e um telegrama. Os jogadores de A. utilisaram-se de todas as cautelas da casa de penhores, dividas cinco libras e meia.

4/8. — Viagem a Londres. 20/30. — Partida Folkestone-Flushing.

5/8. — Goch, fronteira alemã. — Soube que os jornais inglezes tinham mentido. Sem papeis de identidade, vagon de bagagem, desertor, primeiro sargento, até Weser. Aqui comandante de estação, passe de caminho de ferro; parece que sabe quem sou. Voltei para os outros.

9/6. — Esperança de perdão do Imperador.

21/8. — Quasi certo o consentimento. Fischer traz-me tudo. Graças a Deus — não era sem tempo!

22/8. — Consentimento.

1/9. — Fui a Happrick tratar da expedição.

7/9. — Até 20/11. — Observando e esperando. Berlin-Munich-Stuttgart-Berlin-Vienna-Constantinopla.

Cerca de 20/11. — Membro da expedição Niedermayer ao Afganistão e á India pela Persia.

5/12.—9 horas.—Partida de Hader Pachá para Aleppo. Capitão Niedermayer, Consten, dr. Niedermayer, Paschen e eu; Jacob, ordenança de Niedermayer, 2 telegrafistas, 3 oficiais turcos e 27 homens.

6/12.—Linda viagem pelo Tauro. Muda de cavalos feita á força.

1915

(A expedição tinha alcançado Baghdad nos principios de fevereiro.)

1/2, Segunda-feira.—Wagner, Paschen e eu partimos pela fronteira persa ao encontro de Schumemann para nos pormos debaixo das suas ordens.

5/2.—Durante a noite dois mensageiros de Foshi Bey. Devemos voltar para Baghdad. Recusa; grande altercação. Desagradavel para as duas partes.

(Por fim, voltaram.)

2/2, Quinta-feira.—Os turcos de Baghdad estão fazendo grande algazarra e causando embaraços, confiscaram tambem todas as armas em Baghdad; já tinhamos cedido uma das nossas duas metralhadoras. Não nos querem deixar entrar na Persia meridional, pela razão ostensivel que as tribus ainda não estão preparadas. Enviámos logo uma queixa a Stambul e a Berlim. Por fim Suliman Askeri deu licença que se seguisse via Mossul. Niedermayer está trabalhando a toda a pressa nesse sentido. Deve seguir

com passaporte de secretario de legação de Schunemann; precaução contra os turcos, balas ou veneno.

14/2, Domingo.—A expedição separou-se; indo uns até Basra, outros para as casernas para instruir os recrutas.

15/2, Segunda-feira.—Telegrama dizendo que certos individuos podiam seguir para a Persia. Devo ir ou com Zugmayer via Chanickin para Ispahan ou com Peter Paschen para Teheran via Mossul.

25/2, Quinta-feira.—Peter Paschen, Veigt, Berghausen preparam-se para partir no domingo para a Persia via Mossul.

26/2, Sexta-feira.—Chegaram inesperadamente cartas de salvo-conduto mandadas pelo Vali para Zugmayer como consul de Ispahan e para mim como secretario.

De Baghdad a Ispahan

(Em 27 de fevereiro partiram para Ispahan indo por Kermanshah, Burujird e Sultanabad. A viagem levou perto de dois mezes.)

3/3, Quarta-feira.—Encontrámos um homem inteligente que nos inspirou muito interesse, Emir El Hish Med.

4/3, Quinta-feira.—Muito interessante Hish Med. Projecta ir a Teheran assim que alcançar licença do seu governo e ali fomentar uma insurreição contra os russos.

11/3, Quinta-feira.—Mensageiro Schunemann

com carta dizendo que nos encontrará a uma hora de distancia de Kermanshah.

12/3, Sexta-feira.—Schunemann gosta muito do jogo da paciencia; ensinei-lhe varios.

18/3, Quinta-feira.—Carta de Hish Med dizendo que deseja falar ámanhã com Schunemann ás escondidas dos imundos turcos.

22/3, Segunda-feira.—Más novas da fronteira: officiais turcos mortos a tiro, precisa mais tropas. O principe Reuss aparentemente amedrontado por esta odiosa nação, pois chegam continuamente telegramas com respeito aos perigos da estrada... Bando miseravel de nojentos turcos.

2/4, Sexta-feira. — Por fim chegámos a casa dos suecos (que comandavam a Gendarmerie de Burujird), ambos encantadores, fardas suecas irreprensiveis, tipos magnificos... Excelente jantar, licores, vinho do Porto, cerveja, champagne, vinho de pasto, café, cognac, whiskey. Muita alegria e muito conforto, todos embebedados.

3/4, Sabado. — Muito alegres á noite; o professor (Zugmayer) muito bebedo.

4/4, Domingo. — Recolhemo-nos cedo, isto é, á meia noite, sem estarmos embriagados.

5/4, Segunda-feira. — A' noite, idem, idem.

Em Ispahan

(Chegaram a Ispahan no dia 24 de abril.)

24/4, Sabado. — Veiu-nos saudar Pugin, vice-consul alemão em Ispahan. E' preciso expe-

lir da casa quanto antes os porcos armenios que traz consigo... População fria, talvez por medo.

25/4, Domingo.—Telegrama de Teheran (onde Niedermayer já tinha chegado) informando que o ministerio é anti-alemão; usar de cautela.

26/4, Segunda-feira. — Enviámos telegramas para Teheran pedindo licença para ferir o golpe.

29/4, Quinta-feira. — Telegrama de Niedermayer contra medidas violentas no momento actual; poria em perigo a embaixada.

1/5, Sábado.—Telegrama em cifra de Niedermayer: os teheranis muito receosos, declaração de guerra fóra de proposito actualmente, evitar aqui qualquer passo grave.

2/5, Domingo.—A' tarde dois democratas, um após outro. Disseram que haveria *scholuch* (motim) ámanhã porque o Banco Imperial deixou de pagar as notas.

3/5, Segunda-feira. — De manhã esperámos em vão o *scholuch*, pois o Banco pagou de pronto. A' tarde telegrama de Rohner dizendo que estão em caminho cinco alemães, que nós dois depois de Seiler tomar posse aqui devemos seguir com toda a pressa e ajustar vinte homens «optimos» para o efeito em Yezd. Deus seja louvado! As coisas mexem-se na direcção do Baluchistão!!!

(No dia seguinte chegaram os cinco alemães: «Seiler, dr. Niedermayer Bohnstorff, Fasting, Friederich e 260 animais». Com os cinco chegou a noticia do paradeiro dos outros agentes alemães na Persia.)

Winkelmann foi ter com Schunemann em Kermanshah. José aqui — esperamos levá-lo a Yezd e Kerman. Berghausen doente em Mossul; Peter Pashen doente em casa do Weber em Hamadan, espera-se que já esteja em caminho para Teheran. Wagner, Jacob, com toda a caravana Niedermayer-Principe Reuss, de caminho para Teheran.

7/5, Sexta-feira.—Saí cedo a cavalo com Fasting para escolhermos o logar para o T. S. F. Marcámos um logar acima do Quartel da Gendarmerie na encosta da montanha.

9/5. — Ajuste com Hassam Aga como chefe dos soldados a cavalo.

11/5.— Pouco movimento. A' tarde Glerupp veio jantar, muito embriagado.

13/5.—Telegrama de Niedermayer diz que a tropa russa ameaça invasão, e que tanto ele como nós devemos esperar desastre.

Carta do Governador prevenindo que se proíbe a estação do T. S. F.

14/5. — Alistaram-se com toda a solenidade os quinze soldados a cavalo.

18/5. — A nossa gente trouxe para aqui um dos criados do Governador que se embebedou e insultou a Alemanha. Em atenção ao Governador não o mandaremos fustigar, porém não ha de ficar sem castigo para não deixar esfriar o zelo da nossa gente. Obedecendo á minha idéa atiraram com ele para dentro do tanque, fizeram-no mergulhar varias vezes e depois arremessaram-no para longe... Quando nós iamos meter na cama ouvimos uma terrivel fuzilaria

muito proximo do consulado. Veiu logo o Mirza dizer que dois russos, um dos quais director do Banco Russo, tinham sido assaltados e mortos a tiro.

19/5, Quarta-feira. — Dia de sobresalto, esperando constantemente os resultados do assassinato nocturno. Passámos outra noite vestidos e prontos para a luta.

21/5, Sexta-feira. — A' tarde Glerupp esteve aqui uns minutos; felicitou-nos sobre a extinção da ascendencia russa. A verdade é que muita gente desconfia de nós.

2/6, Quarta-feira. — Fui de manhã com Hassan Aga á repartição de Kargusar por causa do malfadado caso de assassinato, levámos um agente muito esperto que fala alemão e que suspeita muito de Hassan Aga. Estamos todos muito aborrecidos pela falta de progresso.

4/6, Sexta-feira. — Nada absolutamente. A nossa esperança de fazermos aqui alguma coisa desvaneceu-se. Tencionamos partir daqui na quarta-feira unicamente porque temos de seguir mais cedo ou mais tarde. Todos os dias ha desinteligencias com Seiler.

7/6, Segunda-feira. — Carta de Kargusar participando que a pedido do agente policial de Teheran, Hassan Aga proíbido de sair da cidade. Decidimos partir logo de manhã. Seiler responderá á carta depois da nossa partida. Preparativos rapidos. (No dia seguinte puzeram-se a caminho com os homens a cavalo. Nove dias depois chegaram a Yezd.)

16/6, Quarta-feira. — Partimos ás duas horas.

Belo sono reparador e depois cavalgada com lanterna até ao amanhecer. A oito milhas de distancia da cidade de Yezd encontrámos os primeiros cavaleiros, negociantes. Sempre mais e mais ao avançarmos. Formavamos grupos graciosos em volta da bandeira. Carruagem do Governador em que ia o Professor. Seguia eu com os nossos. Estamos alojados numa casa enorme pertencente ao agente alemão Hadji Sheikh Mohamed Mechdi... Conferencia importante á tarde com o secretario do Governador. Aqui tambem tentámos fazer um protesto contra o governo de Teheran. Fizemos conhecimento com o ex-Governador do Baluchistão persa, Abdullah Khan que foi expulso pelos inglezes. Deu-nos noticias interessantes do Oriente; tres officiais inglezes foram ha pouco assassinados em Baluchistão.

18/6, Sexta-feira. — De manhã e á tarde grandes comissões de negociantes e democratas. Abdullah Khan entrou para o nosso serviço oficialmente e fez o oferecimento, caso o desejassemos, de matar em Kerman os consules inglez e russo.

Kerman

(Passaram só oito dias em Yezd e puzeram-se a caminho de Kerman; em 3 de julho aproximaram-se da cidade.)

3/7, Sabado. — A' tarde veiu expressamente Sultão Gendarme dizer-nos que por aviso official o Governador tinha proibido á população

que preparasse para nós qualquer genero de recepção pois não eramos oficialmente reconhecidos pelo governo. Outra obra prima dos nossos brilhantes representantes diplomaticos em Teheran!

(No outro dia entraram em Kerman.)

4/7, Domingo. — A multidão que nos rodeava aumentava de momento a momento; flores. Ao chegarmos aos arrebaldes dois carneiros (sem cabeça)... Quando alcançámos a entrada da cidade foi-nos quasi impossivel avançar. Aqui dois carneiros e uma vaca. A residencia do Governador eleva-se muito acima dos muros da cidade. O Governador podia observar á vontade o resultado da sua prohibição. Contudo mandou-nos 50 homens a cavalo, uma carta de desculpas e um telegrama de Teheran em que lhe era restritamente proibido receber Zugmayer como consul. A multidão não cessava de dar vivas freneticos á Alemanha e amaldiçoavam a Inglaterra. Por fim pudemos romper. Dez minutos depois entrámos nos nossos aposentos. Dormimos. Fotografia.

5/7, Segunda-feira. — Mandámos vir dois homens á tarde, um deles pretendente secreto ao logar de Governador, e outro um nacionalista perseguido pelo Governador e pelo consul inglez o qual tem de se esconder. O primeiro mandou um representante idiota com quem nada pudemos fazer, o segundo mandámos vir acompanhado por quatro homens a cavalo. Parecia ser bom... Houve grande desapontamento por não termos logo armado os nossos homens

a cavalo. O desapontamento aqui é grande e geral; o povo é como gado. Parece que vamos romper com o Governador para que saiba o que é ficar sem lei e sem contribuições.

9/7, Terça-feira. — Ao meio dia veio um pequeno Sayd sarnoso para fomentar uma insurreição, e á tarde quatro padrecos os quais a começar desde amanhã devem prégar todos os dias nas mesquitas contra os nossos inimigos.

12/7, Segunda-feira. — A' tarde visitámos o padre principal que deseja suscitar o shcluch (motim) contra o inimigo.

14/7, Quarta-feira. — A' tarde Nassin-ut-Tutschar (o nacionalista) a quem outra vez tivemos de causar desapontamento. Ele desejava ter uma entrevista com o Governador e pedia o nosso apoio caso ele fosse preso. E nós nada pudemos fazer por não sermos reconhecidos pelo governo e por estarmos sem noticias. A conduta dos nossos representantes em Teheran é vergonhosa. E' uma deshonna para a Alemanha toda.

21/7, Quarta-feira. — De manhã malas. Carta de Niedermayer pela qual se vê que está em caminho e que a decisão se deve esperar breve. Resolvemos proceder d'ora ávante independentemente e com todos os meios ao nosso alcance contra o inimigo. A' tarde veio Reuter com o boato que a caravana de Pugin para Meshed, da qual nada nos tinha constado tinha sido detida e os seus austriacos desarmados e que Wassmuss tinha sido chamado de novo a Teheran. Para que nos não aconteça sorte igual temos de

andar prudentemente até se estabelecer comunicação com Niedermayer. Mandámos outro telegrama de desespero a Teheran e a Ispahan. Dá vontade de desistir completamente.

(No entretanto resolveram tomar uma casa em Kerman. Foram prevenidos pelo Governador que até serem reconhecidos pelo governo persa não lhes seria permitido arvorar na cidade a bandeira alemã; e que faria prender Nassin caso ele causasse disturbios. Nisto mandaram «carta para o Governador que valia por uma declaração de guerra». Em seguida mandaram «outra carta mais forte» e a despeito do Governador estabeleceram-se na cidade.)

31/7. — O Governador relativamente tranquilo. Tentou sómente proibir o Rosa Khan, porém os padres resistiram. Emquanto ao mais, nada se pode fazer com esta detestavel gente.

3/8, Terça-feira. — A' tarde Kargusar enviado pelo Governador que deseja reconciliar-se comnosco. Recusámos. E' forçoso desapossar do logar esse homem.

6/8, Sexta-feira. — Boatos. Diz-se que o Governador se prepara para partir... Foi chamado de novo Kargusar; primeiro a Gendarmerie, depois o sub-chefe de policia, agora ele. Foram removidos todos aqueles que nos eram favoráveis de entre as autoridades, unicamente por ser permitido aos inglezes mandarem despachos em cifra e por terem o apoio da sua Legação; nós, nem uma coisa nem outra. A transmissão por Seiler das noticias de guerra é deploravel.

No Rosa Khan á tarde. Constou; grande

multidão. Também prégadores superiores; o Sheriat Medar esteve presente porém não falou. Quando avançávamos em procissão solene para o estrado preparado para nós, puzeram-se de pé todos aqueles que são do nosso partido. Durante meia hora fomos alvo de todos os olhares como se fossemos animais estranhos numa coleção de feras.

9/8, Segunda-feira. — Djafa, descobriu entre os assistentes no Rosa Khan tres Bakhtiaris. Mandámo-los prender e soubemos que levavam duas carabinas (muito boas) carregadas e uma pistola Mauser (engatilhada). Não obstante mandámo-los soltar, porém, guardámos as armas. Telegramas urgentes para Teheran, carta a Kargusar. Informes aos padres do Rosa Khan. Apresentar-se em toda a parte como tentativa evidente de assassinato. Provas não ha, pode muito bem ser não haver projecto de crime, contudo está provado que dois dos presos estiveram com a nossa gente ocultamente e que um dos nossos os tinha levado em segredo ao telhado.

10/8. Terça-feira. — O Governador recebeu telegrama dos irmãos dizendo que poderá talvez ficar se obtiver carta de recomendação do consul. Longe disso o nosso telegrama com as palavras «tentativa premeditada de assassinato» já chegou a Teheran, pobre homem! Receberá provavelmente o telegrama fatal daqui a tres dias. Estamos preparando para o mesmo dia uma corrida ao Banco Inglez.

11/8, Quarta-feira. — Mais preparativos para a corrida ao Banco.

13/8, Sexta-feira. — Mandamos propalar os boatos, como já fizemos em Ispahan, que tencionamos assassinar o director do telegrafo por não despachar os nossos telegramas com pontualidade.

15/8, Domingo. — O chefe da Gendarmerie participou o boato que a Persia já declarou guerra! Discutimos os pontos importantes, fizemos preparativos para levar a effeito a revolução *em todo o caso*.

16/8, Segunda-feira. — Nada se sabe sobre a declaração de guerra. Ao meio dia chegou de Teheran um telegrama enorme em cifra. Estavamos no auge do triunfo. Ha dois mezes que nada sabemos do que mais nos interessa; agora por fim informações. Levámos uma hora a decifrá-lo; é uma comunicação enviada pelo Comité Revolucionario Indiano de Baghdad, explicação extensa que esses sebentos patifes revolucionarios de Bengala partirão a horas. Ficámos tão desapontados e furiosos por não trazer nem uma palavra que nos dissesse respeito que tinhamos vontade de chorar.

18/8, Quarta-feira. — Muitas intrigas. Ao meio dia informam-nos que já não nos será permitido receber telegramas em cifra. Espumando de raiva porque durante os seis dias em que isto era possivel nada recebemos a não ser aquelas tolices malditas das bestas revolucionarias indianas... Incrivel indolencia e falta de escrupulos (de Seiler). Acontece o mesmo com as noticias da guerra; só manda algumas frases com tres ou quatro dias de intervalo. E com tais

meios temos nós de fazer a propaganda na parte mais difficil da Persia. O nosso Bureau de Inteligencia abandona-nos com o mesmo descaramento como fazem os de Teheran.

20/8, Sexta-feira. — Outra serie de boatos. Parece que de facto o Governador retira-se. Grande Conselho de Guerra, dois ou tres dias após a retirada do Governador, serão expulsos os ingleses e os russos.

22/8, Domingo. — Um desses telegramas de guerra de Seiler, uma frase. Quando se capturou Kovno tomaram-se 400 peças. Mais nada. O tratante merecia passar pelo Tribunal de Guerra.

23/8, Segunda-feira. — Chegou Wedig. As noticias que traz são da maior importancia; parece que Niedermayer abandonou a causa na Persia e a nós tambem; procura alcançar a fronteira do Afganistão, isto é, romper o cordão dos piquetes russos.

24/8, Terça-feira. — O Professor não consente que se inutilise o fio telegrafico inglez; verdade é que de pouco servia. Começam as coisas a tomar um aspecto desesperado para nós, estamos quasi sem dinheiro e não sabemos donde nos ha de vir mais.

(A gente tambem os abandonava.)

25/8, Quarta-feira. — Desapareceram mais quatro dos soldados a cavalo. Isto vae de mal para peor, em breve ver-nos-hemos forçados a fazermos nós de piquetes... O Governador parece menos disposto que nunca a retirar-se.

26/8, Quinta-feira. — A' noite reunião secreta com os leões dos democratas de Kerman. Re-

sultado: nenhuma perspectiva de exito, caso desesperado. A não ser que o Governador se retire agora por seu livre alvitre, resta só uma coisa a fazer.

30/8, Terça-feira. — Mr. Taylor, Director do Banco Inglez, proibiu aos negociantes que rebatessem qualquer remessa para nós. Espere lá, canalha!

3/9, Sexta-feira. — Recado a Sheriat Medar fazendo nova proposta com respeito á sublevação do povo. Mandou-nos dizer que o povo já não tem confiança pois que apesar de haver um ministerio novo não nos é permitido escrever em cifra nem arvorar bandeiras... Malditos sejam a Legação e Seiler.

5/9, Domingo. — Boatos de hoje: O Governador recebeu carta-telegrama ameaçadora dos seus parentes, e o consul inglez em Shiraz foi morto a tiro — este ultimo inventado por nós.

7/9, Terça-feira. — Publicação de «detalhes» com respeito ao assassinato do consul inglez em Shiraz de modo a torná-lo mais verosimil.

8/9, Quarta-feira. — Fizemos correr o boato que os ministros inglez e russo em Teheran tiveram graves desinteligencias.

17/9, Sexta-feira. — Diz-se que o Governador telegrafou para Ispahan que não pode permanecer aqui mais tempo por causa das intrigas alemãs. Diz-se que os inglezes escreveram-lhe participando que sairão com ele.

23/9, Quinta-feira. — Boato de ter entrado no Afganistão o campo concentrado de Tabbas. Esta noticia é magnifica, quer dizer que Niedermayer

atravessou a fronteira com exito e foi bem recebido. Tivemos um longa discussão, porque eu apoio o projecto do Baluchistão a todo o transe. E' certo que temos só 1:900 tomans (umas 760 libras).

26/9, Domingo. — Deve partir um destes dias uma caravana com dinheiro, tencionamos interceptá-la. Tive discussão com os outros porque eu quero fazer a operação só com a nossa gente.

27/9, Segunda-feira. — A' tarde Ali Akbar Khan. Está pronto a introduzir na cidade os Tufangshis para a sublevação. Está entusiasmado com o projecto de capturar a caravana com o dinheiro. Havemos de ferir o golpe simultaneamente, isto é, aqui na cidade na mesma noite em que se atacar a caravana.

29/9, Quarta-feira. — Por fim telegrama em cifra de Teheran. Perspectiva de dinheiro, armas e cartuchos.

2/10, Sabado. — De manhã telegrama em cifra de Teheran avisando que Niedermayer atravessou a fronteira do Afganistão e tinha sido bem recebido.

4/10, Segunda-feira. — Como todos os outros são de opinião que seria muito arriscado apoderarmo-nos do dinheiro por meio dos nossos soldados, os quais tambem não mostram grande entusiasmo, abandonámos esse plano... Os nossos fundos actuais não passam de 1:025 tomans, e os inglezes levam para Yezd 100:000 e nós nada podemos fazer para o impedir! Com esse dinheiro poderíamos sublevar toda a India e ga-

nhar ainda maior fama por nos acharmos completamente abandonados pelo nosso paiz. Assim não temos dinheiro para coisa alguma.

8/10, Sexta-feira. — Abbas Khan, irmão de Ali Akbar Khan foi destituído do seu logar pelo Governador. Jura vingar-se. Mustaphar Khan conspira com ele. Poderei talvez por essa forma conseguir a tão desejada sublevação do povo contra esse animal o Governador.

9/10, Sabado. — Voltou o nosso mensageiro de Naibend-Tabas, dizendo que o dr. Becker tinha tido um recontro grave com os russos. Os tres alemães abriram á força camiinho para Ispahan. Porém toda a bagagem e ao que parece tambem os presentes valiosos para o Amir desapareceram. Eis o resultado de enviar as nossas expedições mal equipadas.

Em todo o caso começam a tomar feitio os preparativos para o ataque ao Consulado inglez.

16/10, Sabado. — Estamos convencidos que desta vez o Governador vai ser demitido. Bruggmann emprestou-nos 1:000 tomans, pois nós já não tínhamos nada.

(Fala-se primeiro em Bruggmann pouco depois de chegarem a Kerman: «8/7. Bruggmann, Patag agente, suissos amaveis e fieis.»)

21/10, Sabado. — A' tarde veiu Bruggmann. Diz que os nossos soldados a cavalo não prestam para nada; os sentimentos da gente da cidade vão-se virando contra nós porque se vê que não temos o apoio do nosso governo. Como nos atordôa os ouvidos com isto durante horas todas as tardes — e pouco mais ou menos já o

sabemos perfeitamente — as suas visitas tornam-se um suplicio para nós.

26/10, Terça-feira. — Não haverá nesta horrível espelunca um unico ente que não seja um meliante consumado?

29/10, Sexta-feira. — Divisão das nossas forças em dois contingentes, tendo cada um 40 homens. Devem chegar mais 70 na proxima semana. Parece na verdade iminente a declaração de guerra.

30/10, Sabado. — A' tarde carta de Sheriat dizendo que os consules inimigos preparam-se para a partida e que o Governador lhe tinha participado que no dia seguinte nos enviaria um mensageiro oficial para se pôr ás nossas ordens e que deseja fazer-nos presente do conteúdo do banco. O que nós receamos é que ele roube o Banco e o bazar e que fuja em seguida. Combinámos com Sultão afim de evitar á força essa contingencia.

4/11, Quinta-feira. — Reunimos umas 90 carabinas. Devem vir mais 50 dentro de tres dias. Ficaremos então aproximadamente da mesma força que o Governador. Exercicio todas as manhãs. O Governador obra contra nós.

5/11, Sexta-feira. — O dinheiro acabou hoje em absoluto. Bruggmann só poudes enviar 100 tomans e tivemos de despedir gente que pedia dinheiro.

6/11, Sabado. — Telegrama de Teheran dizendo que «talvez» se retire o Governador em breve.

Exgotámos as nossas bolsas afim de fazer

face ás despesas e aos salarios diarios. A nossa situação é desesperada; devemos partir ou despedir os nossos Tufangshis, preparando assim um desapontamento terrivel aos nossos amigos? O Professor abatidissimo... Bebeu muito cognac.

11/11, Quinta-feira. — Seis delegados enviados pelo Governador; orador principal Massimut-Tutschar (vede 14/7) inteiramente a favor do Governador, animal! Exigia que desarmassemos.

16/11, Terça-feira. — Nesta hora critica estamos ha seis dias sem noticias nem de Teheran nem de Ispahan. Deviam ser chamados ao Tribunal de Guerra tanto Seiler como Reuss.

17/11, Quarta-feira. — Sem noticias da guerra, nem Reuter, nem telegrama, é de endoidecer. A nossa unica fonte de intelligencia são as notas subtraídas á estação telegrafica ingleza... Não obstante, o povo está excitadissimo, especialmente em Teheran. Até os nossos nojentos animais chegaram a mandar um telegrama a favor da guerra.

20/11, Sabado. — Encetámos o plano para destruir os fios ou talvez a instalação toda do telegrafo inglez. Farukh Shah trabalha a todo o vapor. Todos os que aqui veem dizem que o deveriamos mandar matar.

22/11, Segunda-feira. — O nosso estado financeiro desesperado. Hoje não pudemos pagar nem o jornal nem os salarios.

23/11, Terça-feira. — Até ao meio dia grande preocupação, não sabiamos se poderiamos pagar as despesas e os salarios. No ultimo momento

Bruggmann mandou 100 tomans... Amaldiçoado seja aquele porco do Seiler.

24/11, Quarta-feira. — Esse desprezível impostor Salar Mossafar insiste em querer um título. Espero com o auxilio dos turcos tornarlhe a existencia tão amargurada que não ousará aventurar-se muitas vezes a entrar em nossa casa. Muito conforto nos dá o fogão a nós e aos gatos.

29/11, Segunda-feira. — Abdullah Khan organisou um saque á estação telegrafica persa. Em vez de telegramas trouxe o patife, relógio, luneta, etc.

4/12, Telegrama que Seiler, chegou com todo o contingente a Yezd.

7/12, Terça-feira. — Djavad trouxe de manhã a noticia que Farukh Shah tinha sido morto a tiro.

9/12, Quinta-feira. — Hoje optima noticia, telegrama particular de Yezd enviado por Biach diz que se concedeu mais um milhão para a missão da Persia.

16/12, Quinta-feira. — Winkelmann, que acaba de chegar, diz estar persuadido que nos achamos num beco sem saída, não ha sinais de reforços, etc., para nós. E' verdade, diz, que os alemães foram optimamente recebidos no Afeganistão, porém o Amir não quer dar o mais pequeno passo, pelo menos contra os inglezes.

Telegrama de Kardoff mandando seguir todos os relatorios, etc., para o Estado Maior de von der Goltz Pachá que já se acha em Baghdad. Parece ser ele o chefe supremo na Persia.

Entretanto grandes mudanças aqui... Os democratas em numero de 300 a 400, exigiram que fossem expulsos da cidade os ingleses e os russos. Apoderaram-se do Banco, da estação telegrafica inglesa, tudo por modo perfeitamente legal, e trataram-nos a nós como ratos na ratoeira. Porém ficamos quietos enquanto os ingleses não estiverem longe. Quando eles se retirarem então ajustaremos contas com estes malvados porque nos trataram sem consideração e desprezaram os nossos desejos e os nossos conselhos... Seiler, que capturou o Banco em Yezd, teve um ganho de 15.000 tomans.

17/12, Sexta-feira. — Partiram de facto as colonias inglesas e russa.

20/12, Segunda-feira. — Grande telegrama em cifra a von der Goltz, dando conta da nossa situação. Baluchistão, pedindo reforços.

21/12, Terça-feira. — Carta de Seiler e Biach segundo a qual parece que devemos receber 20.000 tomans. parte do saque do Banco de Yezd.

22/12, Quarta-feira. — Biach e Wedig chegaram. Estão ambos furiosos contra Seiler, eu especialmente contra o dr. Niedermayer que toma absolutamente o partido dele.

23/12, Quinta feira. — Hoje nós, isto é, os outros, confiscaram todo o stock de mercadorias da casa Brandly e começaram logo a acarretá-las para aqui aproveitando-se de todos os animais disponiveis. Diz-se que ha uma quantidade enorme de magnificos tapetes. Brandly aceita tudo de boamente e com sensatez. Dizem que o valor dos livros sobe a 140.000 tomans! Espe-

ramos obter metade dessa quantia. Já estamos salvos. A atitude dos persas é quasi de indiferença.

24/12, Sexta-feira. — Chega Seiler... Seiler põe termo á boa harmonia que prevalecia sem constrangimento.

25/12, Sábado. — Suspeita-se que Seiler está de mal com os seus chefes... Ajuste com Bruggmann (Brandly?) pelo stock completo de tapetes a 27 e meio por cento do valor corrente. Tapetes para dar de presente ao preço da compra. Tudo pago em sonante!... Assim que Bruggmann for reconhecido e que Bohnstorff chegar afim de dar começo ao estabelecimento da base, podemos entrar em campanha.

26/12, Domingo. — Começámos a lista dos soldados a cavalo que devem ir ou que devem ficar. Comprar mais armas... Bruggmann disse confidencialmente a Biach ter-lhe avisado Seiler que o grande negocio dos tapetes é perigoso porque — sim, porque não é perfeitamente «legal»!

29/12, Quarta-feira. — Versen de manhã, Seiler de tarde. Chegámos a uma especie de entendimento.

30/12, Quinta-feira. — Chinfrim enorme com Bruggmann por causa dos tapetes; não ha duvida que ele quer tirar lucro para si e que nos deseja roubar a nós e ao Imperio.

31/12, Sexta-feira. — O Professor passou toda a manhã com Bruggmann, ajustou dalgum modo o negocio dos tapetes. Devemos receber só 20.000 tomans pelos restantes e promete pagarnos cerca de igual quantia depois da guerra.

1916

3/1, Segunda-feira. — Senti-me aliviado ao partir Seiler com os seus... Ao meio dia appareceu de repente Versen. O maroto do Achmed tinha conduzido Seiler por um caminho muito ruim; fizeram alto á entrada dum desfiladeiro; todos os Chavidars fugiram. Por fim o Professor poz á disposição de Versen todos os nossos animais de carga.

5/1, Quarta-feira. — Chegou o nosso armeiro Friederich com uma mula para levar dois caixotes de explosivos que por engano tinha deixado. Partiu de manhã cedo. Porém nós tínhamos conseguido subtrair alguns.

9/1, Domingo. — Telegrama em cifra de Kardorff dizendo que Goltz tinha partido de Baghdad para Kermanshah em 28 de dezembro.

Conferencia com os indios peritos em explosivos. Com este material antiquado (dinamite) não se pode fazer muito. As bombas feitas tambem não são faceis de manipular.

10/1, Segunda-feira. — Deputação de 26 Baharlus. Se possivel fôr instigá-los-hemos contra Bandar Abbas.

12/1, Quarta-feira. — Os Baharlus parecem realmente dispostos a fazer qualquer serviço. Pedem um preço exorbitante! Não temos portanto os capitais precisos para o negocio; talvez Goltz possa... Os Biachs (isto, é Biach, Wedig e a sua gente) partiram.

15/1, Sábado. — Longa entrevista com os de-

mocratas. Vai ser realmente expulso o Governador.

17/1, Segunda-feira. — Para se obter noticias mais rapidas da sorte dos Seilers expedimos condutores de camelos. Enviaram-se dez soldados a cavalo a Simk para saquear a casa de campo do consul russo.

19/1, Quarta-feira. — Regressou a caravana de Simk, dez tapetes sem grande valor, cadeiras, samovars, camas que entregámos immediatamente aos soldados.

A' tarde os democratas de Maidan começam de novo a importunar.

21/1, Sexta-feira. — Decidimos finalmente dar de mão aos democratas e fazer as pazes com o Governador.

(A 23 de janeiro partiu Griesinger de Kerman em direcção nordeste para Khabis e Djafirabag juntar-se ao contingente Seiler-Versen que tinha sido atacado pelos Baluchis quando estabeleciam os seus depositos de mantimentos. Perdeu as armas e 50 camelos. Voltaram todos para Kerman.)

25/1, Terça-feira. — Desavença entre Seiler e Versen. Tive longa conversa com Niedermayer e alta noite com Seiler com respeito á má vontade existente entre nós e os Seilers. Biach, e parece que tambem Winkelmann, tinha-os excitado contra nós dum modo realmente indecente.

26/1, Quarta-feira. De manhã chegaram de Kerman homens montados em camelos. Telegrama de Kardorff dizendo que Goltz tinha exi-

gido que se pedisse a Hentig e Niedermayer para enviarem os relatorios por telegrapho (?). Tal indicio da falta de comprehensão por parte do nosso Ente Supremo actual é realmente desanimador.

27/1, Quinta-feira. — Atingimos antes da noite o nosso primeiro menzil. Appetite devorador de Seiler.

(No dia seguinte, sexta-feira, 28 de janeiro, estavam de volta em Kerman.

De Kerman para Bam

3/2, Quinta-feira. — Preparativos de viagem. Empacotei os explosivos.

5/2, Sábado. — Ultimos preparativos. Bruggmann teve um vil ataque de desconfiança, exigiu que fosse tudo assinado e selado pelo Professor. E' nojento... Despedimo-nos pela ultima vez, estavamos outra vez livres, abandonámos Kerman. Estivemos ali sete mezes e dois dias.

10/2, Quinta-feira. — Os democratas pediram-nos que voltassemos (a Kerman). Seiler deve levar o seu contingente de Khadis para Kerman. Telegrama de Sommer. Depreendia-se que os inglezes tencionavam avançar contra Kerman por via de Bam. Seria magnifico para nós que os inglezes avançassem contra nós atravez desse horrivel territorio onde não ha nada para comer. E as tribus todas estão a nosso favor. Saíram homens montados em camelos para Bampur di-

zer a Biach que deve operar no norte sendo preciso, contra as comunicações de retaguarda dos ingleses.

11/2, Sexta-feira. — Preparei um grande telegrama em cifra para reanimar o contingente em Kerman e dizer-lhes que se não deixem apavorar nem intimidar com as mentiras dos democratas.

(O contingente chegou no dia seguinte a Bam onde passaram dez dias.)

12/2, Sábado. — Carta enviada por Biach de Narmajir. Tinha visitado varios chefes os quais receberam carta de Bachram Khan dizendo-lhes que seguissem contra os ingleses.

16/2, Quarta-feira. — A' tarde carta muito amavel de Mir Bachram Khan de Bampur e de Said Hassain Khan, seu confidente, que tinha mandado a Narmajir falar com o consul. Asseguraram-nos da sua lealdade e que estavam prontos para tudo empreender. Por fim deve seguir amanhã o mensageiro a Biach. Mandamos-lhe dizer que prepare tudo para uma partida e um avanço immediatos.

2/3, Quinta-feira. — Decidimos enviar recado ao Governador (de Bam) com respeito ao pequeno canhão da cidadela, pedindo-lhe que no-lo empreste.

3/3, Sexta-feira. — Obeidullah manda perguntar se poderá tomar parte activa no Baluchistão por não ser provavel que nós possamos chegar até ao Emir. Não nos encantou o oferecimento, suspeitamos sempre dos emissarios e agentes turcos. Nusrett é de opinião que não

devemos pedir o canhão ao Governador, porém mandá-lo subtrair.

10/3, Sexta-feira. — No telegrama de Kerman, proposta de se mandar o Governador deste logar oficialmente para Narmajir afim de podermos roubar o canhão. Porém isso levaria pelo menos mais oito dias. Abandonámos a idéa... Escreve Bohnstorff (de Kerman) que estava tão farto dos democratas como nós e que não queria mais nada com eles.

11/3, Sábado. — Partimos por fim (de Bam). Graças a Deus!

14/3, Terça-feira. — Chegámos a Aliabad ao meio dia. Pelas 20 horas chegaram Biach e Mohamed Khan! Tinham vindo a galope, em parte para nos dar noticias, em parte porque tinham fome. Parece que fomos de todo o ponto mal informados com respeito ao Baluchistão. E' impossivel lidar com peor bando de patifes: atrevidos, traidores, mentirosos, covardes — estão ao nivel dos brutos, nada fazem por convicção, mas unicamente quando são pagos pelos seus serviços — porém, N. B., só quando a obra está feita! Bachram não era nenhum príncipe de tribu, não passava de bandido. Ao que parece o que ele desejava era o nosso auxilio em dinheiro e armas afim de, com o «exercito» que ele esperava, aniquilar uns seus vizinhos. Quando Biach descobriu isto declarou que tinha de voltar imediatamente para dar parte ao Professor. Bachram fez o possivel para o deter. Como não tinha conseguido mandou-os atacar além da sua fronteira — como bom mussulmano.

Mercê dos seus cavalos os tres puderam safar-se mas as caravanas perderam-se. Salvaram só as armas e o oiro.

15/3, Quarta-feira. — E' claro que ficámos todos furiosamente desapontados. Tinham-se desvanecido emfim os nossos lindos sonhos duma invasão do territorio inglez em conjunção com os «bravos Baluchis» para secundar a obra dos que trabalhavam no Afganistão. Faremos provavelmente obra contra Bandar Abbas.

(Em 22 de março chegaram de novo a Ban.)

30/3, Quinta-feira. — Chegou de Kerman o meu primeiro mensageiro. Ha noticias autenticas de que Kermanshah e Burujird, Rizind, Ispahan, Yezd e tambem Erzerun foram capturadas pelos russos; e ao norte — Birjand e Kain — bloqueio pelos russos e inglezes!! Caímos agora realmente numa verdadeira ratoeira. Seiler deve ficar em Kerman emquanto fôr possivel e depois tentar chegar a Shiraz; se o caminho ainda estiver franco alcançará Baghdad indo por Bakhtiaristan e Luristan. Para nós tambem é o unico caminho possivel depois deste terrivel desmoroamento. Não ha na verdade grande probabilidade de se poder atravessar todas as tribus as quais, é claro, não podem nutrir sentimentos amigaveis para com os alemães... Vencidos em toda a linha. O que acontecerá ao grupo Niedermayer no Afganistão?

A retirada

3/4, Segunda-feira. — Informação certa que os ingleses estão reunindo grandes forças em B. Abbas. Os Seilers com Bohnstorff partiram ha quatro dias (de Kerman) em segredo e de noite. Baharlus declara-se abertamente pelos ingleses... Todas as moedas de oiro, os cartuchos, o meu diario na mala de mão no caso de termos de abandonar a caravana.

(Partiram na quarta-feira, 5 de março, indo na direcção de oeste.)

5/4, Quarta-feira. — Alvorada ás 3 horas. Fizemos as malas. Os condutores de camelos declararam que não nos acompanhavam mais. E' claro que os deixámos ir, vís creaturas; assim se rompeu o ultimo élo com a Persia oriental e o Baluchistão.

(Em 9 de março, estando ao sul de Baft, foram atacados por um grupo de Bakhtiari que eles tinham tomado pelo novo Governador com a sua escolta; porém puderam fugir. Resolve-ram abandonar a caravana.)

9/4, Domingo. — Resolvemos abandonar a caravana e tentar passar Baft por meio dum grande desvio para o Sul. Ainda nos restava passar pelos ingleses na estrada B. Abbas-Sirjan, através os territorios dos Baharlus e Afahars, sabiamos menos do que nunca quais deles nos eram hostís e quais nos tratariam com indiferença. Entregámos todos os bens expedicionarios com excepção do oiro.

10/4, Segunda-feira. — Continuámos sempre

em direcção sul, os animais de carga cansadíssimos. Desejavamos chegar por vias travessas ao territorio de Niriz cujo chefe foi em tempos amigo dos alemães.

(Em 15 de abril o grupo atingiu Del Halal e quando partia no dia seguinte foi atacado e desarmado. Livraram-se pagando a quantia de 100 tomans. Chegaram a Niriz em 17 de abril.)

17/4, Segunda-fãira. — O Professor e eu fomos ter com Selim Khan. Não se exprimiu muito claramente a nosso respeito porém declarou-se amigo.

18/4, Terça-feira. — Selim mandou-nos chamar á tarde. Tomou primeiro um tom de ironia e arrogancia. Lançou-nos em rosto a accusação da Alemanha não ter cumprido as promessas dadas á Persia... Tornou-se bem claro que não teriamos liberdade de acção até que viessem instruções de Shiraz. Dizia-se que a Persia obrigava-se a uma restricta neutralidade. Suponho portanto que ficaremos prisioneiros de Estado na Persia ou, na melhor hipotese, postos fora da fronteira.

20/4, Quinta-feira. — Ocultámos o dinheiro no fato que traziamos posto. Desgraçada existencia.

8/5, Segunda-feira. — Esta vida é horrivel. Em casa todo o dia, apanhando moscas, jogando o xadrez; a comida que nunca tem variante começava a repugnar-nos. Bicharia.

13/5, Sabado. — A' tarde Hadji Hassan entregou-nos com o maior segredo um diminuto embrulho. Um relatorio enorme em cifra de Kabel

(Kabul?), a letra de tal maneira minúscula que só com a lente se podia decifrar.

14/5, Domingo. — Passámos o dia a decifrar o relatório, que é de Niedermayer e Hentig com data de fins de janeiro. Dizia que depois de muitos e grandes trabalhos a situação no Afeganistão era agora das melhores. Tinham evidentemente recebido notícias de Goltz em Kermanshah e pediam-nos com urgência que avançássemos imediatamente. Meu Deus! Que desilusão quando souberem a verdade. O rascunho por extenso dum tratado de aliança com a Alemanha vinha também incluído; ia ser mandado logo em cifra para aprovação em Berlim.

15/5, Segunda-feira. — Hadji veio á tarde. Diz que chegou de Shiraz um dos creados de Seiler de Kerman dizendo que lá passam tão mal como nós aqui.

(No mesmo dia, 15 de maio, chegou uma escolta para levar os prisioneiros a Shiraz. Saíram de Niriz no dia 18 e chegaram a Shiraz no dia 23.)

23/5, Terça-feira. — Levaram-nos por uma passagem subterranea para o outro lado da rua. Entrámos num pateo ajardinado muito grande, porém com pouca sombra, onde ha um edificio realmente magnifico. Aqui encontrámos todos os outros com excepção de Niedermayer que se encontra com os austriacos noutra parte grande por não haver aqui espaço para todos. Tiraram-nos tudo menos o que traziamos vestido. Estão aqui o sueco Ongmann, capitão de cavalaria, o armeiro Aikson, o engenheiro alemão Petzold

com o seu mecanico — para trabalhar em armas portateis — um cadete austriaco e o negociante Roever. Uma ou duas vezes por semana a mulher de Roever vinha visitá-lo. Servia de intermediario numa especie de correspondencia com Niedermayer... O peor de tudo é ter de nos submeter a estas creaturas nojentas e grosseiras. Esperemos que haja mudança em breve ou que venha a paz. Em todo o caso não ha esperança de rehavermos o que possuimos na Persia. Tornaremos jámais a ver os nossos belos cavalos?

27/5, Sabado. — O novo Vice-governador que traz provavelmente a resolução emquanto ao nosso destino deve ter saído hoje ao que parece de Abadeh. Porque será que os de Berlim não prendem o ministro persa? Provavelmente os de Berlim nutrem para nós, agora ainda mais que dantes, a mesma consideração que nós teriamos para com os nossos soldados persas se eles voltassem agora quando não temos dinheiro nem precisamos deles. E na verdade o que nos faz falta é o bom exito, como aconteceu com a venda dos bens em Londres.

11/6, Domingo. — Outro official da Gendarmaria persa morto, o quarto. Ou a tiro ou envenenado ou enforcado. É realmente horrivel porque afinal somos nós indirectamente os culpados e não lhe pudemos valer. Quem depois disto tomará jámais o nosso partido na Persia?

24/6, Sabado. — Pelo correio de Roever soubemos que o Mexico enviou ultimatum aos Estados Unidos da America. Será resultado das actividades dos nossos colegas?

28/6, Quarta-feira. — A' tarde recebemos carta do Vice-governador dizendo que tinha recebido resposta de Teheran; estamos detidos como prisioneiros por termos intrigado contra a neutralidade da Persia, e contra os interesses do Governo persa.

7/7, Sexta-feira. — Esta sociedade complica enormemente com os meus nervos; Ongmann sempre bebedo; os outros questionando sempre.

17/7, Segunda-feira. — Sugere-se que se escreva ao Vice-governador pedindo licença para sair. O nosso abatimento é de enlouquecer. Sair aqui, sob guarda, no meio dum povo hostil seria horrível.

24/7, Segunda-feira. — O Professor e eu vamos dar as nossas primeiras notas diarias a Frau Roever para que ela as esconda. Ela vem hoje ao meio dia.

(O Diario continúa durante mais dois mezes, dando os boatos que lhe chegavam na prisão dos acontecimentos da Persia e reflexões sobre a sua sorte provavel.)

30/9, Sabado. — Ainda não é de todo certo que vamos ser entregues aos inglezes, porém é muito provavel. Qual será o nosso fim?

(Acaba assim o Diario.)

